

Como continuar a nascer: a genética não é o destino

» SANDRA CABRAL

Professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, mestra em educação, doutora em saúde da Criança e da mulher e PH.D em psicologia clínica

Os primeiros anos da existência são dedicados à construção de um verdadeiro órgão da coexistência: o vínculo. O bebê se desenvolve envolto em uma espécie de nicho sensorial, um conjunto de forças vindas da espiral interacional entre a criança e seus cuidadores — que precisa lhe servir de proteção, sem a qual nenhuma promessa genética será sustentada. Nesse período das primeiras interações, o organismo está especialmente sensível às aprendizagens que darão o tom de nosso relacionamento com o mundo, e, se conseguimos uma vinculação segura, a confiança básica que nossos pedidos de ajuda serão ao menos considerados, construímos também as condições para enfrentamento mais potente diante dos desafios dos ciclos de vida.

Quando uma desgraça familiar ou uma situação de precariedade social duram muitos anos, essa espiral interacional, desde o início, sofre perturbação e, enquanto o meio for desorganizado ou invasivo, a cultura for produtora de contextos de risco, o ambiente de proteção será pouquíssimo acessível à criança, de forma que, na ausência de intervenção, o nicho tenderá a ser insuficientemente capaz de estimular os processos neurológicos necessários para a antecipação e a mediação. Ela pode, então, encontrar intensa dificuldade em administrar as emoções e, assim, comportamentos violentos podem ser mais facilmente desencadeados. É assim que vemos um traço

biológico, que chegou a esculpir certas zonas do cérebro, ser inscrito pela ação do meio.

As mais recentes descobertas sobre a epigenese nos fazem compreender que, ao se agir sobre o meio, pode-se mesmo modificar a expressão de uma doença genética. Exemplo disso é que, há 20 anos, as pessoas com síndrome de Down morriam muito jovens, mal conseguindo se socializar. A partir do momento em que se passou a oferecer às crianças afetadas por essa anomalia cromossômica melhores condições de desenvolvimento (escolarização, adultos mais preparados para lidar com elas, e uma mudança na cultura do relacionamento com as pessoas portadoras de necessidades especiais), elas puderam se socializar de modo muito mais efetivo e obter expectativa de vida muito mais estendida.

É verdade que a construção do nicho sensorial que favoreça uma relação de confiança com o mundo não garante a felicidade futura; da mesma forma, uma infância que encontrou adversidades não selará um destino soturno para a criança, porque cada encontro, por meio da arte, da cultura e do esporte, com amigos, educadores, profissionais da saúde ou mesmo familiares, pode significar uma possibilidade de reparação e de construção de um processo de resiliência. Mas não há dúvida de que a precariedade das contingências de vida (como é o caso de significativa parcela das famílias brasi-

leiras) pode afetar de forma adversa o desenvolvimento de crianças, adultos e grupos.

Esse é um forte indício de que é, em última instância, uma posição política que estrutura o nicho sensorial infantil, e, ao lutarmos contra tudo o que o empobrece, oferecemos às crianças a segurança necessária — embora insuficiente — para que seus desenvolvimentos sejam estimulados, e para que sejam facilitadas as condições necessárias à instauração de processos de resiliência, se as circunstâncias os exigirem. A importância e as consequências desta constatação nos confrontam com nossa implicação e responsabilidade social como adultos, pais, cuidadores, especialistas e gestores de políticas públicas de proteção à primeira infância e de formação de educadores de crianças de zero a seis anos.

“A sua história não é o seu destino.” A frase de Boris Cyrulnik, frequentemente utilizada por quem se interessa pelo tema da resiliência, poderia então ser transposta para o tema proposto para a 8ª Semana de Valorização da Primeira Infância e Cultura de Paz, que o Senado Federal realizará de 20 a 23 deste mês — *A epigenética e o desenvolvimento Infantil: A sua genética não é o seu destino*. Nossa aposta é a de que, como cuidadores, educadores e gestores, possamos pensar, implementar e manter ações que, com firmeza e delicadeza, sejam capazes de germinar a coragem e as condições para o dispositivo do continuar a nascer.